

Resumo 1.07

Monitorando as “tiradas de mel”: metodologias de proteção e conservação dos territórios dos povos indígenas isolados na Amazônia

Daniel Cangussu¹; Rieli Franciscato²; Luíza Machado³; Daniel A. Rocha⁴; Elizabeth Miguel⁵, Maria A. Drumond⁶

1 – Fundação Nacional do Índio. Mestrado Profissional em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia/INPA.

2 – Frente de Proteção Etnoambiental Uru Eu Wau Wau/FUNAI.

3 – Mestrado Profissional em Gestão de Áreas Protegidas na Amazônia/INPA.

4 – Associação Brigada 1 – Belo Horizonte-MG.

5 – Horticultora de produtos orgânicos. Ciências Biológicas - Multivix.

6 – Programa de pós-graduação em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre (UFMG).

E-mail para correspondência: presidente@brigada1.org.br

Um dos grandes desafios para a gestão e conservação de áreas protegidas na Amazônia brasileira está relacionado ao monitoramento e proteção dos territórios dos povos indígenas isolados. Esta metodologia alicerça-se no princípio da autodeterminação dos povos prevista pela Constituição Federal de 1988, que concede “a estes grupos isolados o direito de assim permanecerem, mantendo a integridade de seu território”. Isso implica no aprimoramento de metodologias de monitoramento dos vestígios produzidos por esses povos sem a necessidade de se estabelecer contato com os mesmos. A partir desses vestígios, são extraídas informações que são utilizadas na formulação de estratégias de gestão e proteção territorial. Um dos vestígios monitorados e de grande revelância nestas expedições é a “tirada de mel”, que caracteriza-se por cicatrizes presentes nos troncos das árvores, produzidas pelos povos indígenas isolados durante a extração dos favos e potes nas colmeias das abelhas. A incapacidade de cicatrização do xilema presente nos troncos das árvores faz com que esses vestígios permaneçam disponíveis e expostos por séculos, testemunhando a mobilidade desses povos pelo território. Os dados dos últimos dez anos coletados durante as expedições de monitoramento em campo demonstram o quanto as “tiradas de mel” têm sido fundamentais para o reconhecimento do território de alguns destes povos, a exemplo dos Wyrapara'ekwara, da terra indígena Uru Eu Wau Wau, presentes no estado de Rondônia, e dos Awá-Guajá da terra indígena Araribóia localizada no estado do Maranhão. No entanto, a despeito dos esforços institucionais de proteção territorial implementados, ambos os territórios têm sido alvo constante da ação de madeireiros ilegais e de incêndios florestais criminosos, além de estarem circundadas por grandes latifúndios de monoculturas que lançam anualmente enormes quantidades de agrotóxicos nos limites das terras indígenas. O mel é cada vez mais escasso, conforme relatam outros moradores indígenas destes territórios. O fogo e o desmatamento destroem os vestígios, conforme observam os indigenistas durante as expedições. A diminuição da biodiversidade e das populações de polinizadores relacionadas à entomofauna coloca em risco a segurança alimentar e a reprodução de aspectos culturais intrínsecos a esses povos indígenas. As ações de proteção territorial revelam-se, portanto, indissociáveis dos fatores e relações etnobiológicas destes contextos etnográficos, bem como das atividades econômicas no entorno destes territórios indígenas.

Palavras-chave: Índios isolados, Araribóia, Uru Eu Wau Wau, vestígios, agrotóxico.



Figura 1: O Sertanista Rieli Franciscato ao lado de “tirada de mel” realizada pelos indígenas isolados Wyrapara’ekwara no interior da terra indígena Uru Eu Wau Wau – 2013.